

ELEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA BUSCA DE NOVOS RUMOS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ANDRIZE RAMIRES COSTA
PATRÍCIA NETO FONTES

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil
andrizec@yahoo.com.br

Muitos estudos, que de alguma forma procuram relacionar a criança como tema, muitas vezes, se tornam limitados por primeiramente não considerar a criança como ponto de partida de suas investigações, as demais estruturas e elementos organizacionais acabam não tendo significado e sentido para as crianças. Entender o que é uma criança é fundamental para posteriormente pensarmos o que ela realmente precisa.

Neste estudo, buscamos no contexto da Educação Física e Educação Infantil encontrar determinada via de compreensão do ser criança, procurando analisar a criança pela própria criança, para tanto, depende da idéia e das concepções que se tem sobre elas. Independentemente de quais sejam essas abordagens, sem dúvida, estamos querendo afirmar que a melhor forma de se entender as crianças é procurar se inserir nesse mundo infantil que também já foi nosso e por isso, consideramos que o entendimento sobre crianças passa pela imaginação da vivência anterior trazida em cada um de nós, como afirma Oaklander (1980). Entender o que é criança parece ser um movimento necessário para se pensar a Educação Física na Educação Infantil.

“Percebi agora que aprendi a trabalhar com crianças com as próprias crianças, inclusive comigo mesma quando criança! Agora isto me parece óbvio quase elementar demais para ser escrito. As crianças são os nossos melhores mestres. Elas já sabem como crescer, como se desenvolver, como aprender, como expandir-se e descobrir, como sentir, rir, chorar, enfurecer-se, o que está certo para elas e o que não está certo para elas, o que necessitam. Elas já sabem como amar e ser alegres, como viver plenamente a vida, como trabalhar e ser fortes e cheias de energia. Todas elas (bem como as crianças dentro de nós) precisam de tempo e espaço para fazê-lo” (OAKLANDER, 1980, p.354).

O ensino formal apresenta uma organização na prática pedagógica do Ensino Infantil que separa a realidade escolar, do extra-escolar. Separa a criança, por exemplo, do tempo particular dela, de suas brincadeiras, suas vivências e sua linguagem própria. Analisando desta forma, elaborei este trabalho de cunho teórico na busca de compreender que pode ser traumático esse primeiro contato da criança com a escola ou creche. A criança muitas vezes, é recebida de um modo ríspido, sem o mínimo de adaptação, contribuindo para uma formação individualista, caminhando ao encontro de uma educação voltada para a preparação para o seu futuro. O futuro de um trabalhador adaptado as regras sociais.

O que se observa é uma educação, mesmo a infantil, a serviço de uma preparação para a adaptação do ser humano na sociedade, o que hoje é caracterizado pelo individualismo neoliberal. Há desconfiança, insegurança, insensibilidade com os outros e com o mundo, indivíduos obedientes e submissos.

Adorno (1995) nos auxilia nestas análises e afirma que as crianças que não suspeitam nada da crueldade e da dureza da vida acabam por ser particularmente expostas à bábarie depois que deixam de ser protegidas.

É necessário evidenciar que também é relevante na infância, a educação familiar, os pais ou os responsáveis, estão inseridos na atual sociedade, marcada pelas relações artificiais de consumo efêmero. Relações construídas apenas pela aparência, sem ter como base a

essência, questionamos se essas relações contribuem para a formação de um cidadão opressor, que muitas vezes parece perder a capacidade de amar.

Segundo Adorno (1995) o amor não pode ser exigido em relações profissionalmente intermediadas, como entre professor e aluno. Ele é algo contraditório com relações que podem ser intermediadas.

Já para Maturana e Verden-Zöllner (2004) os profissionais são na sua grande maioria pedagogas que assim, em parte, garantem uma relação materno-infantil, importante nesta fase da vida. No Brasil, vem sendo crescente a aparição do professor de Educação Física na Educação Infantil, essa relação também é preenchida por profissionais da Educação Física que cada vez mais estão presentes e que podem garantir as mesmas relações materno-infantil e de afetividade. Essa relação tem sido pesquisada e estudada por alguns autores na Educação Física, com contribuições a cerca da formação adequada, ou seja, a atuação na Educação Infantil. (Costa et al., 2009).

A infância tem sua especificidade, concordamos com Oaklander (1980) quando a mesma afirma ser essa uma fase de auto-descoberta. Merleau-Ponty (2006), por exemplo, explica o rompimento dos complexos em relação a formação do ser humano e que muitos problemas ficam intrínsecos neste período e dificilmente são identificados e superados. Os adultos ao entrar em contato com a sua própria Infância, pela imaginação, poderiam conseguir, de fato, compreender mais sobre si próprios e suas atitudes nos dias atuais.

A necessidade de Imaginar na Infância

As crianças têm necessidade de imaginar, as suas brincadeiras e sua abstração no tempo cronológico parecem evidenciar esse fato. Faz-se necessário sempre por parte do adulto, que se propõe auxiliar o desenvolvimento de uma criança, incentivar a imaginação. Crianças que imaginam têm uma melhora significativa na sua habilidade de enfrentar o mundo e de aprender. Um fato curioso de destacar é que crianças capazes de ser imaginativas possuem um QI mais elevado (OAKLANDER, 1980).

Para a criança esse processo de fantasia é como seu processo de vida é possível desvendar o que ela mantém oculto ou que evita, ou também descobrir o que se passa na vida da criança partindo de uma perspectiva dela mesma. A imaginação nas estórias inventadas, de como se pulava as linhas das calçadas, imaginando que fossem enormes pontes e que entre as linhas tinha um enorme oceano com baleias e peixes famintos que esperavam cairmos de alguma linha. Revelam o mundo da infância.

A imaginação e a fantasia das crianças é algo muito necessário quando se quer compreender a criança, tendo em vista que é a forma como as mesmas expressam seus sentimentos. É um meio de como ela expressa coisas que tem dificuldade em admitir como realidade. Os sentimentos das crianças são a sua essência, pensando seus sentimentos ela também passará a conhecê-los e aceitá-los.

De acordo com Ortega (2003) somos seres voltados para a ação no mundo, estamos jogados no mundo para agir com imaginação, temos uma capacidade de nos inserir no mundo criativamente pela ação em liberdade.

E existem diversas formas de estimular essa fantasia, tais como: Improvisações dramáticas, contar estórias das mais variadas formas, escrevendo, desenhando, com bonecos, através de poesia, de olhos abertos ou também de olhos fechados. Tudo isso ocorre de maneira global, como afirma Merleau-Ponty (2006).

Assim podemos entender que a imaginação são partes do sentimento e percepção que as crianças pequenas expressam e que muitas vezes assim como os adultos elas podem ficar embaraçadas e confusas. Um bom exemplo citado por (OAKLANDER,1980) é que quando a criança desenha figuras bem esparsas é porque sente-se assim em relação a vida. Para Vygotsky:

“O aspecto essencial da imaginação é que a consciência afasta-se da realidade. A imaginação é uma atividade da consciência comparativamente autônoma, na qual há um distanciamento de qualquer cognição imediata da realidade... Em níveis avançados no desenvolvimento do pensamento, nós encontramos imagens que não são encontradas de forma completa na realidade... Uma penetração mais profunda da realidade demanda que a consciência alcance uma relação mais livre com os elementos da realidade, que a consciência saia dos aspectos aparentes e externos da realidade que são dados diretamente à percepção” (VYGOTSKY, 1984, p. 349).

O que explica, por exemplo, ser comum as crianças quererem desenhar ou pintar aquilo que bem entenderem, ou aquilo que não lhes foi solicitado. Isto não prejudica em nada o seu desenvolvimento, a importância está no que reside em primeiro plano para a criança.

O mesmo acontece com o brincar, muitas vezes gostam de brincar de coisas criadas por elas próprias e resistem a uma brincadeira indicada por algum adulto. Crianças pequenas gostam de brincar sem instruções, o que não significa sem limites. O adulto precisa entender que a criança já sabe como brincar, como aprender, como crescer, e que isto pode ser considerado como a necessidade de “Brincar e Se-movimentar” como quer o autor Kunz (2007).

Somente dessa forma estaremos contribuindo com a criança a tomar consciência de si, do outro e de sua própria existência no mundo. E entender o que se passa dentro dela e no mundo dela.

A imaginação e o brinquedo

Analisando o contexto da infância, Benjamim (1984) afirma que, de uma maneira geral, os brinquedos documentam como os adultos se colocam em relação ao mundo da criança. De acordo com o autor ainda, se analisados ao longo do tempo, os brinquedos podem ajudar a compreender a história de como os adultos pensaram e o que desejaram em relação às crianças, inclusive o que se pensa em tempos atuais.

Desta forma, se hoje vemos cada vez mais brinquedos industrializados e mercadorizados com objetivo único de aprimorar as capacidades das crianças, entendendo desta forma que o adulto, na busca de preparar a criança para o futuro, não apenas a nega, quando não a encontra e a aceita no agora, mas também não a reconhece enquanto sujeito, quando não compreende seus anseios e vontades.

De certo modo, a maneira como se conduz a brincadeira nas creches ou pré - escola também necessita ser reavaliada, para não permitir que pressões com rendimento e resultados sufocem o brincar espontâneo encontrado nas crianças. Além de um brincar espontâneo e prazeroso, as atividades que são realizadas em creches e núcleos de Ensino Infantil devem primeiramente fazer sentido à criança e não somente atender legislações e normas burocráticas, como o que acontece quando enquadramos as aulas nos períodos de tempo, e subjugamos o sentido do que se está fazendo em favor do cumprimento tempo eletrônico.

Ao analisarmos por outro viés, a ausência das brincadeiras nas ruas, como foi constatado em alguns estudos (MARCELINO, 1996) não é consequência apenas da falta de tempo proporcionada por uma agenda repleta que a criança deve possuir, mas também, pela falta de tempo dos pais para brincar com os filhos. A violência, que impera em grande parte nas ruas, não permite mais que as crianças brinquem livremente em seus bairros junto com outros colegas. Muitas vezes é o medo da violência que contribui com o fato dos pais controlarem e vigiarem a brincadeira dos seus filhos. Assim sendo, se o adulto não tem mais tempo para brincar com seus filhos e estes não podem brincar sozinhos, o tempo de brincar na rua já não mais existe e o que de fato se observa é a ausência das brincadeiras e consequentemente da inocência e da fantasia.

O Ser Criança: a questão da percepção

Para Merley-Ponty (2006) a percepção do mundo forma nossa consciência, embora nem sempre precise haver correspondência entre o que há no mundo exterior e o que percebemos, onde dificilmente compreende-se que as crianças percebem de forma diferente.

Desta forma, Kunz (2002, p. 25) afirma que “todas as percepções da criança ocorrem pela presença da totalidade corporal da criança, pelo envolvimento afetivo maior, que se apresenta nas crianças com as sensações externas”.

A percepção para Merley-Ponty (2006) é ao mesmo tempo global e fragmentária, enquanto no adulto se apresenta de forma articulada. Desta forma, entendemos que as crianças percebem de forma globalizada e às vezes em seus pormenores detalhes, em suma a criança percebe melhor estruturas fortes, porém pouco diferenciadas. Já o adulto ora usa uma ora usa outra, o que vai de encontro às concepções clássicas que garantiriam que as percepções e sensações viriam na forma de experiências múltiplas.

Há uma unidade em nosso corpo, que não é a soma de sensações ou percepções, mas é o “corpo total”. Tudo isto engloba a consciência de nosso corpo no universo e também algo que engloba todos os dados perceptivos.

De acordo com Merley-Ponty (2006), tanto para as crianças quanto para os adultos a percepção implica, por um lado uma relação entre diferentes partes do corpo entre si, e por outro lado uma relação com o mundo exterior, sendo assim a experiência infantil não começaria pelo caos, mas por um mundo, cuja estrutura é apenas lacunar.

Logicamente que devemos distinguir percepção de estruturação, já que esta última somente diz respeito as condições externas (profundidade, semelhança, etc...) e que na criança no início aparece de forma ainda limitada.

Muitas vezes, na criança a percepção tem relação com a causalidade, podemos exemplificar, aqui, como um simples carrinho em movimento, onde a criança percebe não só o carrinho que esta se movimentando, mas como um ser que age sobre outro ser. Seria dessa relação da percepção com a causalidade a existência da imaginação infantil?

Para Merley-Ponty (2006) as experiências mostram que a impressão de causalidade podem ser provocada e modificada de acordo com condições precisas de ordem sensorial.

Uma possibilidade de analisar a percepção da criança é através dos desenhos, muitas vezes nele esta incumbida à percepção da criança em relação à família, objeto, natureza, seus pares, conflitos existentes, enfim... Já que na visão do autor o desenho é também um ensaio de expressão.

Muito da compreensão da criança tem relação com os cinco sentidos tato, olfato, audição, paladar e visão. Muitas vezes alguma deficiência em algum desses sentidos fazem relação a alguma dificuldade de relacionamento da criança com o adulto, com o meio ou com outras crianças.

Esta mesma percepção que ao passar dos anos, parece nos moldar a forma de observar do mundo por influência midiática ou até por diferenças emocionais, um bom exemplo disso seria o filme “Olympia” de Leni Riefenstahl, lançado em 1938, onde as diferenças emocionais induzem que o filme seja entendido por todos que assistem da mesma maneira. Queremos ser iguais para nos protegermos, nos escondermos. Ou somos idênticos ou nos denunciemos. (ORTEGA, 2003)

Isso tudo contribui para a formação do “*animal laborans*” citado por Duarte et al. (2004) *apud* Arendt (1994), ou seja, do homem que trabalha para consumir e consome para trabalhar. Assim as formas de subjetividade podem ser construídas somente por vias sociais, culturais ou políticas, podendo sim ser alterado os critérios, mas os grupos de interesse sempre estarão presentes.

Compreendendo o ser criança

Aos poucos a criança vai descobrindo que os sons que escutou, e depois produziu, tinham significados e depois entende que pode se comunicar verbalmente com os outros de modo a tornar conhecida suas necessidades: inicialmente através de sons, posteriormente palavras e frases, até alcançar os níveis de pensamentos e curiosidades.

Muitas vezes nos perguntamos como as crianças podem ser tão espontâneas. Facilmente distinguimos quando uma criança está alegre, triste, assustada, calma. Isso tudo se dá devido ao fato de seus sentidos e seu corpo estar alcançado um maior nível de consciência, onde ela não quer ocultá-los, ao contrário faz questão de expressar seus sentimentos inteiramente.

Durante todo esse período seus sentimentos e percepção corporal vão atingindo níveis cada vez mais elevados. OAKLANDER, 1980, p. 73 explica que:

“O bebê não tem problemas de auto-estima até aqui, ele simplesmente é. Ele é em todos os sentidos um ser existencial [...]. O desenvolvimento sadio, contínuo de seus sentidos de corpo, de sentimentos e do intelecto da criança constitui base subjacente do senso de eu da criança. Um senso de eu forte contribui para um bom contato com o meio ambiente e com as pessoas desse meio ambiente”.

E assim as crianças vão entendendo que a vida não é perfeita, que vivemos cada vez mais num mundo caótico, um mundo de dicotomia e contradição. Que seus pais muitas vezes também têm dificuldades a serem enfrentadas e assim as crianças vão aprendendo a enfrentar e compensar, onde a grande maioria se sai razoavelmente bem no viver, no crescer e aprender.

É cultural, freqüentemente, temos sido somente orientados para a produção em tudo o que fazemos como se isso fosse algo natural. Maturana e Verden-Zoller (2004, p. 143) alertam que exclusivamente em nossa cultura ocidental, não fazemos apenas o que fazemos, trabalhamos para alcançar um fim. Não descansamos simplesmente, nós o fazemos com o propósito de recuperar energia, não comemos simplesmente, ingerimos alimentos nutritivos, não brincamos simplesmente com nossas crianças, nós as preparamos para o futuro. E destes atos temos como consequência o fato de ao interagirmos com outras pessoas o nosso foco está tão voltado para além da interação, isto é, como resultado, não mais se sabe viver o momento em si; estamos perdendo a nossa sensibilidade para o presente de nossas vidas e isto vem se constituindo como uma prática normal ao passar das gerações.

A formação da criança e suas relações com a Educação Física

De acordo com Sayão (2002) a Educação Física quando presente no currículo da Educação Infantil não pode pautar-se por um modelo “escolarizante”, que objetive antecipar conteúdos visando a preparação das crianças para o ingresso no Ensino Fundamental.

Temos observado as creches muitas vezes com o intuito de “formar” para o futuro, cria-se assim uma expectativa muito grande sobre as crianças quando se deveria “esperar um pouco menos e amar um pouco mais” estas mesmas crianças, afirma Kunz (2007).

Enfim são múltiplas as instâncias, a Creche é apenas uma delas, onde a criança é “treinada para a vida adulta antes mesmo de aprender a brincar”. Perdendo-se assim as características mais essenciais para satisfazer necessidades básicas da criança: o seu livre brincar. Num mundo onde desaparecem os contatos mais imediatos com a natureza e a liberdade natural para brincar.

Sayão (2002, pág. 51) remete o tempo da Infância ao tempo do lúdico no qual a atividade determina o tempo e não o contrário. Sendo assim, a Educação Física organizada como “a hora de...”, assim como as disciplinas escolares se organizam, não tem sentido para as crianças que pensam, sentem, agem em uma totalidade complexa.

Verificamos desta forma que a disciplina de Educação Física na Educação Infantil, organizada de forma racionalizada, fragmenta os conteúdos essenciais para o desenvolvimento do ser criança, na nossa interpretação, há uma fragmentação do conhecimento, mas primordialmente uma fragmentação do ser criança.

Baseado neste princípio é possível pensar em uma Educação que venha atender aos desejos e necessidades da criança e ao mesmo tempo considerar as características atuais da nossa sociedade. Entendendo assim, que não há na criança a função de se adaptar às características e realidade da escola, pelo contrário, seria justamente toda a conjuntura educacional que se organizaria em benefício primeiro dela.

Estas reflexões se configuram como importantes eixos para se pensar o papel e a didática da Educação em nossa atualidade e a partir daí o rumo da disciplina de Educação Física no contexto da Educação Infantil. Não se pode deixar de pensar no papel pedagógico formativo que a Educação tem, mas tão pouco se esquecer das circunstâncias sociais atuais que a nossa sociedade apresenta e das diferentes influências que as crianças podem receber de todo este processo; pois desta forma, corremos o risco de perder a noção da totalidade e reproduzir modelos insensíveis aos valores humanos.

Por fim, para que nossas intenções possam se concretizar, uma vez que já foi afirmado que trazem em sua realização mudanças em toda a organização e planejamento de uma instituição, vale ressaltar novamente as palavras de Sayão (1996, pág. 149) “É preciso superar a concepção disciplinar de Educação Física fortemente enraizada na formação docente e partir para a idéia de complementaridade de ações pedagógicas que englobam diferentes profissionais”.

Palavras-chave: Educação Infantil; Educação Física; criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T., W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Editora Paz e Terra, v. 3, 1995.

BENJAMIM, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. Walter Benjamim. São Paulo: Summus, 1984.

COSTA, A. R. **A Educação Física na Educação Infantil – problematizando a atuação profissional a partir de um livro “Se-movimentar”** in: Anais do II SEMINÁRIO A INFÂNCIA DURA A VIDA INTEIRA, Pelotas, 2009.

DUARTE, A., LOPREATO, C., MAGALHÃES, M., B., **A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

KUNZ, E. **Práticas Didáticas para um “Conhecimento de Si” de crianças e jovens na Educação Física**. In: KUNZ, E. (org.). Didática da Educação Física 2. Ijuí, Unijuí, 2002.

_____. Educação Física: a questão da Educação Infantil. In: GRUNENVALDT, J.T, SCHNEIDER, O., KUHN, R., RIBEIRO, S.D.D. (Org.). **Educação Física, Esporte e Sociedade: Temas Emergentes**. Aracajú: Editora da UFS, 2007, p. 7-22.

MARCELINO, N. C. Elementos para o Entendimento do uso do Tempo na Infância, nas suas Relações com o Lazer. **Motrivivência**. Florianópolis, n. 9, p. 78-88, Dezembro de 1996.

MATURANA, Humberto. **Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöllner. São Paulo: Palas Athenas, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **Psicologia e pedagogia da criança**: Curso da Sorbonne 1949-1952. Tradução de Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

OAKLANDER, V. **Descobrimdo Crianças, a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo, summus editorial 1980.

ORTEGA, F. **Práticas de Ascese corporal e Constituição de Bioidentidades**. Caderno saúde Coletiva. V.11, n. 1, pág. 59-77, 2003.

SAYÃO, Débora T. **Educação Física na pré-escola**: da especialização disciplinar a possibilidade de trabalho pedagógico integrado. 1996. (Dissertação) – Mestrado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

SAYÃO, D. T., VAZ, A.F., PINTO, F. M., **Educação do corpo e Formação de Professores: Reflexões sobre a prática de Ensino de Educação Física**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. SP: Martins Fontes, 1984.

Autora Principal: Andrize Ramires Costa. **Endereço**: Rua Amazonas nº 1250/203 Bairro: Garcia CEP: 89020-000 BLUMENAU/SC. **Tel**: (47) 96264343/ (47) 3326 53 11 **e-mail**: andrize.costa@gmail.com